

## MARCADORES DISCURSIVOS COMO INSTANCIÇÕES DA CONSTRUÇÃO $VLoc_{MD}$ UM ESTUDO DE CASO DE CONSTRUCIONALIZAÇÃO

DISCOURSE MARKERS AS INSTANCES OF THE  $VLoc_{MD}$  CONSTRUCTION: A CONSTRUCTIONALIZATION CASE STUDY

Ana Cláudia Machado dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

Analisamos a constituição de um tipo produtivo de marcadores discursivos formados a partir do esquema construcional VerboLocativo, constituindo a construção  $VLoc_{MD}$ . Focalizamos a rota de construcionalização do exemplar *vem cá* a fim de mapear a formação desse esquema construcional de marcadores. Nesse trajeto, examinamos o marcador exemplar por meio dos contextos de uso, conforme Diewald e Smirnova (2012), aliando a identificação dos níveis de esquematicidade que a microconstrução assume e à atuação das motivações semântico-pragmáticas na mudança linguística detectada. Buscamos os dados da análise em corpora eletrônicos, utilizando o modelo de construção de Croft (2001) e a sistematização postulada por Traugott (2008) para dar conta da multidimensionalidade do fenômeno. Os resultados demonstram a relevância dos itens na formação do par forma-significado e a distribuição por tipos verbais sugere especificidade nos padrões de uso da categoria de marcadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construcionalização. Contextos. Marcadores Discursivos.

### ABSTRACT

We present the formation of a productive type of discursive markers formed from the VerboLocativo constructional scheme, constituting the  $VLoc_{MD}$  construction. We analyzed the constructional route of the example *vem aqui* in order to map the formation the category of markers. Along the way, we examined the use of this exemplary marker through contexts of use, according to Diewald and Smirnova (2012), combining the identification of levels of schematicity this microconstruction assumes and the performance of semantic-pragmatic motivations in the linguistic change detected. We sought the analysis data in electronic corpora, using the construction model of Croft (2001) and the systematization postulated by Traugott (2008) to account for the multidimensionality of the phenomenon. The results demonstrate the relevance of items in the formation of the form-meaning pair and the distribution by verbal types suggests specificity in the patterns of use of the category of markers.

**KEYWORDS:** Constructionalization. Contexts. Discursive Markers.

### Introdução

Este artigo apresenta a formação de um tipo específico de marcadores discursivos, doravante também MD, como instâncias da construção mais esquemática  $VLoc_{MD}$  e estabelece uma categoria inicial desses elementos procedurais que atuam como articuladores especiais do discurso.

Para dar tratamento aos marcadores discursivos da  $VLoc_{MD}$ , assumimos com Risso *et al.* (1996, p. 21) que MD é uma categoria composta por:

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF), [anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br](mailto:anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br), <https://orcid.org/0000-0001-8256-1474>.

[...] um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa.

Vinculada a essa caracterização dos MD, no que se refere à instância da enunciação, destacamos o caráter de excedência que esses elementos têm (cf. TANTUCCI, 2018), já que reforçam a expressividade ao mesmo tempo em que marcam a presença do produtor do texto, portanto sobrelevando a propriedade pragmática. Esse caráter se relaciona com duas variáveis estabelecidas pelos autores: a relação exterior ao conteúdo proposicional e a relação sintática independente com a estrutura oracional, comprovadas pelo comportamento do MD na proposição.

Assim sendo, analisamos um esquema altamente produtivo de elementos procedurais da gramática da língua portuguesa, o  $VLoc_{MD}$ , cujas propriedades pragmáticas e discursivo-funcionais ganham destaque nos contextos de uso. Tais propriedades estão relacionadas não só à argumentatividade como também à intersubjetividade na medida em que evidenciam tanto o ponto de vista do autor como as manobras textuais realizadas por esse autor em prol da adesão do interlocutor a seu projeto de texto. Na análise dessa formação, levamos em conta a mudança construcional de um elemento verbal e de um elemento locativo constituintes do predicado transitivo circunstancial de lugar que em função de condicionamentos de ordem extralinguística e de motivações cognitivas, em uma trajetória ao longo do tempo, passam a constituir um esquema, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) ou macroconstrução, nos termos de Traugott (2008), resultante de processo de construcionalização gramatical.

De forma mais específica, o estudo da construção  $VLoc_{MD}$  trata do predicado composto por verbo de base locativa acompanhado de seu complemento espacial, que, em determinados contextos, passa a se desvincular do complexo oracional que integra originalmente, passando a atuar no domínio da conexão como MD, migrando para funções de conexão altamente intersubjetivas, mais atreladas ao discurso e ao percurso autor-texto-leitor. Essas funções concentram-se na troca interativa, voltadas à marcação discursiva, em que o autor convoca a atenção do seu interlocutor utilizando, sobretudo, estratégias de convencimento e persuasão, baseadas em intersubjetividade.

Tal trajetória motiva um padrão construcional específico em uso no português contemporâneo do Brasil, considerado mais recente na história da língua<sup>2</sup>, motivado pela tendência de ordenação pós-verbal do locativo e cumpridor de função de marcação, com base na ordenação  $VLoc$ . A  $VLoc_{MD}$  em instanciações como *vem cá*, resulta da trajetória de mudanças construcionais de ordem gramatical,

<sup>2</sup> A consideração da trajetória mais recente desse padrão no português se fundamenta na ordenação pós-verbal do locativo, considerada regular a partir do século XIX, como atesta Martelotta (2012), com base em vasta pesquisa sobre sintaxe adverbial.

conforme exposto em Teixeira e Oliveira (2010) e Teixeira (2015, 2018). Neste artigo, de forma a exemplificar a formação desses elementos procedurais, optamos por apresentar a trajetória de “vem cá” por considerarmos o exemplar da categoria.

Valendo-nos dos conceitos de Diewald e Smirnova (2012) acerca dos tipos de contextos envolvidos na mudança linguística, analisamos a trajetória de construcionalização de [vem cá] observando inicialmente os contextos que as autoras consideram normais, aos quais estamos denominando *fontes*<sup>3</sup>, cujo conteúdo é mais referencial, uma vez que os constituintes *vem* e *cá* exercem funções no nível lexical, como em (1). Em um estágio seguinte, os contextos *atípicos* representam efetivamente o início da mudança, tendo em vista que há inferências mobilizadoras de ambiguidade de sentidos que fazem parte do processo de metaforização, como em (2). A mudança avança para o estágio 2, em contextos críticos, como em (3) em que observamos, além da ambiguidade de sentido, ambiguidade estrutural possibilitando mais de uma interpretação em termos de fronteiras, típica do processo de metonimização. Finalmente, a rota atinge o estágio 3 de uso *isolado*, como em (4), em que ocorre o estabelecimento de um novo MD. Neste momento, há mudança categorial da combinação “vem” e “cá” que deixa de funcionar, respectivamente, como verbo de base locativa e seu complemento circunstancial para atuar como uma expressão altamente vinculada, que passa a integrar a classe dos MD. Assim, uma vez consolidada, a mudança atinge o estágio 4, em que se tem a inserção desse novo elemento na classe dos marcadores discursivos, ou seja, temos, então, a paradigmatização.

Ilustramos nos quatro fragmentos apresentados na sequência, representativos de fontes escritas da literatura, o *cline* de gramaticalidade<sup>4</sup> de *vem cá*:

- (1) *A família do Miranda havia saído. Henrique, mesmo com a roupa de andar em casa e sem chapéu, desceu à rua, ganhou um terreno que existia à esquerda do sobrado e, com o seu coelho debaixo do braço, atirou-se para o capinzal. Leocádia esperava por ele debaixo das mangueiras. - Aqui não! disse ela, logo que o viu chegar. Aqui agora podem dar com a gente. - Então onde? – **Vem cá!** E tomou à sua direita, andando ligeira e meio vergada por entre as plantas. Henrique seguiu-a no mesmo passo, sempre com o coelho sobraçado. O calor fazia-o suar e esfogueava-lhe as faces. Ouvia-se o martelar dos ferreiros e dos trabalhadores da pedreira. (O cortiço, Aluísio Azevedo).*

Em (1), numa sequência textual narrativa, a personagem Leocádia, em discurso direto, chama Henrique, seu interlocutor, apontando para onde deve se dirigir. Assim usada, a expressão *vem cá* atua

<sup>3</sup> O adjetivo “fonte” foi considerado mais adequado para a atuação do tipo de predicado que está sendo considerado neste estudo como ponto de partida da trajetória de formação dos marcadores aqui analisados.

<sup>4</sup> Traugott e Trousdale (2010) distinguem as noções de *gradualidade*, relativa à dimensão diacrônica da mudança linguística e sua trajetória unidirecional, e de *gradiência*, que diz respeito aos distintos graus de gramaticalização manifestados pelos padrões de uso numa mesma sincronia. A gradiência é considerada o resultado sincrônico da gradualidade.

no nível lexical, num tipo de formação em que se pode identificar efetivamente tanto o componente verbal (*vem*) quanto o complemento circunstancial locativo (*cá*).

- (2) *Felício Mais que a vida e o porquê porque minha alma outrossi mata a si e mata a mim tam profunda é minha fé. Eco É. Felício É polo merecimento daquela por quem me fino sentes tu que nam sam dino desta pena que consento. Eco Sento. Felício Sento-me estar nam sei onde vejo-me só acabar por isso quero ir buscar esta voz que me responde. Eco Onde? Felício Onde está minha alegria que sempre foge de mim vem cá nam façás assi que em ver-te descansaria. Eco Iria. Felício Iria lá mas foges mais ó tristes saudades minhas nestas montanhas maninhas que descanso é o que me dais? Eco Ais. Felício Ais leixai partir a vida e partir-vos-eis daqui tal estou triste de mim que nam sei se é já partida. (Teatro, *Obra completa (N-Z)*, Gil Vicente)*

Já em (2), num predicado complexo, *vem cá* atua como súplica de Felício para que a *alegria* venha até ele e, assim, possa descansar. O *sujeito alegria*, da forma imperativa *vir*, reúne traços não prototípicos ou atípicos, uma vez que é inanimado, não volitivo ou agentivo e se encontra distante do verbo a que se refere. Por outro lado, em termos estruturais, *vem cá* ainda apresenta sintaxe típica, uma vez que se coordena à oração *nam façás assi* e à oração explicativa *que em ver-te descansaria*.

Com relação ao componente semântico-pragmático, observamos inferência de deslocamento não espacial, uma vez que o sujeito inanimado não se move fisicamente. O deslocamento se dá na intenção do falante, através do desejo, da súplica a seu interlocutor, *a alegria*, para que venha até ele. Em uma cena centrada na lamentação de Felício por conta da separação *daquela por quem me fino* e no isolamento em que se encontra, tendo o *Eco* por sua companhia, o sentimentalismo motiva o uso mais abstrato dos elementos do *frame*. Assim, embora ainda represente movimento, ancorado por termos como *onde*, *buscar* e *lá*, o fragmento (2) permite leitura distinta da prototípica. A própria situação de comunicação define o uso atípico, sugerindo inferência inovadora, uma vez que o interlocutor é o *Eco*, a quem *Felício* toma como testemunha da sua tristeza. A sequência injuntiva centrada na súplica/pedido coloca o falante em posição inferior ao interlocutor, demonstrando a assimetria entre ele e *a alegria*.

No que diz respeito ao mecanismo fomentador da mudança construcional em (2), consideramos que está plenamente licenciada a leitura mais abstrata, ligada às emoções emanadas da cena comunicativa, como derivada do domínio concreto, como o de deslocamento físico. O mecanismo da metaforização, motivado pelas relações contextuais, é acionado para dar conta de uma nova forma de dizer e atender à expressividade do uso linguístico. Observamos, neste tipo de contexto, ambiguidade semântico-pragmática e manutenção da sintaxe de predicado de *vem cá*. Tais características são para Diewald e Smirnova (2012) indicações de um tipo de contexto que pode levar à mudança linguística, uma vez que o sentido de aproximação física no espaço se mescla ao de convocação da atenção do interlocutor. A convocação sugere um deslocamento na intenção, porque o que o falante deseja é

ênfatisar aquilo que é dito na sequência. Assim, *vem cá* pode ser entendido apenas como um marcador da presença do autor, a fim de destacar sua intenção e não como um pedido para seu interlocutor se deslocar fisicamente.

- (3) SAR. -- *hûa pouca de nevoa e vento. PET. -- Dai se levantam as vezes grandes torvoadas; mas que entendeste dela? SAR. -- Muitos sisos e muitas virtudes. PET. -- De quem, Sargenta? SAR. - De Lucrecia. PET. -- Assi faze, nomea-ma muitas vezes. SAR. -- Nunca se tal graça viu, nem tal siso. PET. -- Tal assento, nem tal fermosura. SAR. -- O que todo mundo ve para que é dizer-te mais? PET. -- Ora **vem ca**, Sargenta, que te quero agora perguntar por um ponto, cousa em que te nunca falei Ouviste algûa hora falar num mancebo espanhol, que segundo dizem, anda aqui perdido de amores por ela SAR. -- Qual? Um capa em colo, que a primeira parecia algûa cousa, ja agora não tera que despender e parece que caiu da forca? PET. -- Ah! Ah! Ah! Como o pintaste tam bem! SAR. -- Cousa é isso para te somente lembrar? (Teatro, *Estrangeiros*, Sá de Miranda)*

Em (03), resume-se numa conversa maldosa entre Petrônio (PET) e Sargenta (SAR), que fazem comentários críticos sobre Lucrécia. A cena comunicativa permite implicaturas inovadoras, uma vez que não há movimento espacial. Os personagens, a princípio, não estão se deslocando no espaço, uma vez que a cena aparenta ser estática. Petrônio propõe um diálogo mais confidencial à Sargenta, a fim de questioná-la sobre uma fofoca envolvendo Lucrécia e um “mancebo espanhol, que segundo dizem, anda aqui perdido de amores por ela”. Esse propósito discursivo motiva o deslocamento na intimidade, que pode ser observado pela sequência em que *vem cá* está inserido.

Nesse sentido, há inferência semântico-pragmática em razão do sentido básico de chamamento da construção, porém como inferência distinta. Mesmo que todo o trecho apresente uma cena estática, no contexto do fragmento (3), existe movimentação corporal que aproxima os interlocutores da cena comunicativa. O tom de fofoca e de segredo impresso nesse contexto sugere que há um deslocamento espacial mínimo entre Petrônio e Sargenta, enquanto o primeiro faz o comentário seguido da pergunta. Tal inferência de movimento corporal, sugerida pela situação de confidencialidade, pode ser depreendida através do trecho “*que te quero agora perguntar por um ponto, cousa em que te nunca falei*”.

Para Diewald e Smirnova (2012), no contexto crítico temos ambiguidades sejam também do nível estrutural, assim devemos levantar essas marcas nos contextos atípicos dessa combinação, a fim de justificar nossa classificação. Em (3), observamos que *vem cá* tem pouca vinculação sintática na sequência em que se insere, se entendermos que: i) “Sargenta” atua como efetivo vocativo e ii) a interjeição “ora” reforça o sentido de chamamento, intensificando e marcando pausa enfática, que corrobora a marca injuntivo-pragmática da sequência. Ao mesmo tempo, podemos entender que a oração “*que te quero agora perguntar por um ponto*” licencia a leitura de predicado complexo, indicando a leitura a partir de um contexto fonte de *vem cá*.

Podemos identificar as inferências como um tipo de pressão contextual que pode levar à metonimização, em busca de uma nova análise que possa viabilizar uma solução para a incompatibilidade estabelecida no contexto. Assim, esse recurso atua como mecanismo promovedor da mudança contextual ilustrada em (3), junto à abstração de sentido já apontada no contexto atípico. No fragmento (3), pelos parâmetros críticos elencados, teríamos mudança nos componentes sintático, semântico e pragmático, ou seja, estamos diante de um nível mais avançado rumo à construcionalização gramatical.

- (4) *Madame Vargas – Pela tua exasperação contínua. Com medo de ti. Carlos – Medo por ele! Só por ele! Ele é o alfenim a que tu vais pertencer e não deve ser incomodado. A sociedade! os teus credores! Mas continuarias comigo apesar da sociedade e dos credores, se não fosse ele. Tudo por ele, só por ele! Madame Vargas – medo por ti, por mim. Carlos – Eu é que grito agora: deixa de farsa! Mas escuta, **vem cá**. Há instantes lembrastes as minhas conversas sobre a possibilidade do teu casamento. Pois bem. Dize-me cá: se casares com ele, continuaríamos os dois os mesmos? Madame Vargas – Mas é indecente o que fazes – Não estás no teu juízo. Tudo o que dizes é desvario. Carlos – Porque eu sei que não será, compreendes? Eu sei. Ele adquiriu-te completa com a estupidez e o dinheiro. Já viste um imbecil enganado pela mulher? Nem que case com uma meretriz! (A bela Madame Vargas, João do Rio)*

No fragmento (4), o nível de cristalização semântico-sintático de *vem cá* é maior em relação a (1), (2) e (3), uma vez que, posposto e coordenado à forma verbal (*mas*) *escuta*, está articulando a função injuntiva. Dessa forma, *vem cá* atua como um todo de sentido e forma, mais desvinculado do conteúdo proposicional e sintaticamente independente da estrutura oracional, na medida em que essa exterioridade e essa independência podem ser comprovadas pelo caráter de excedência (cf. TANTUCCI, 2018) do MD na proposição. Note que, por intermédio de *vem cá*, Carlos interpela Madame Vargas, convocando sua atenção, para, na sequência, expor seu ponto de vista; trata-se, em (4), do uso isolado de [vem cá].

Segundo Diewald e Smirnova (2012), após a consolidação da mudança, o novo elemento fica disponível ao usuário da língua para utilização nos contextos mais adequados. Assim sendo, *vem cá* entra para o paradigma dos MD instaurando a  $VLoc_{MD}$ .

É importante frisar que os marcadores da  $VLoc_{MD}$ <sup>5</sup>, (cf. TEIXEIRA, 2015) facilitam o processamento do discurso, evidenciando, ao mesmo tempo, a presença do falante e a maneira pela qual o interlocutor deve compreender a informação transmitida. Dessa forma, assim como outros marcadores discursivos, os MD analisados funcionam como coadjuvantes nos contextos interacionais, visto que enfatizam o rumo da interlocução, acentuando a intersubjetividade.

<sup>5</sup> Referimo-nos à pesquisa de onze marcadores discursivos tratados na tese de doutorado cuja investigação traçou a rota de construcionalização da microconstrução *vem cá* como exemplar da  $VLoc_{MD}$ , conforme quadro 1 apresentado na seção 2.

A pesquisa desenvolvida assume que processos de neoanálise<sup>6</sup> e analogização, como formulados por Traugott e Trousdale (2013), bem como relações contextuais (intra e extralinguísticas) são responsáveis por tais usos. Teixeira (2015), por meio da análise de 1.128 dados de onze marcadores discursivos da VLoc<sub>MD</sub>, revelou que, de acordo com Bybee (2010), a construção precisa ser compreendida como instância categorial, caracterizada por gradiência e prototipicidade. Nesse sentido, a VLoc<sub>MD</sub> é integrada por expressões mais e menos exemplares, no sentido de que há padrões de uso que são considerados, por critérios de frequência ou com base em parâmetros cognitivos ou por consenso social, como modelares em relação aos demais membros da categoria. A pesquisa atestou que *vem cá* é o exemplar, o padrão que inaugura a VLoc<sub>MD</sub>.

Os dados aqui apresentados e tratados são extraídos do *site Corpus* do Português (<http://www.corpusdoportugues.org/>). Em viés qualitativo, são examinados os contextos de uso das instâncias da VLoc<sub>MD</sub>, na proposição da trajetória que se verificou em Teixeira (2015), por meio do exemplar *vem cá*.

Após essa introdução, este artigo expõe brevemente os pressupostos teóricos utilizados nas análises. Na sequência, foca especificamente na VLoc<sub>MD</sub>, em sua interface de sentido e forma, a fim de caracterizar essa construção do português e seus desdobramentos em outros níveis licenciados pelos diferentes tipos verbais. No quarto momento deste artigo, descrevemos e analisamos o marcador discursivo que consideramos, conforme Teixeira (2015), o exemplar dessa categoria de marcadores discursivos. Na etapa final, apresentamos algumas conclusões que obtivemos na pesquisa de 2015 e indicamos os novos desafios, partindo dos resultados obtidos e que constituem o projeto de pesquisa iniciado recentemente.

## 1. A construcionalização gramatical: uma perspectiva da abordagem centrada no uso

Do ponto de vista teórico, neste artigo, assumimos o arcabouço teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, doravante também LFCU, nos termos de Martelotta (2011), Martelotta e Alonso (2012), Oliveira e Cezario (2012), Furtado da Cunha (2012), entre outros, que dá tratamento consistente à análise interpretativa de padrões mais integrados de uso linguístico. A LFCU, nomeada de *Usage-Based Linguistics* nos estudos empreendidos internacionalmente, tem em Bybee (2010, 2015), Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014) referências basilares.

A análise interpretativa a que fazemos referência tanto contempla o elo de correspondência simbólica que conecta as propriedades de sentido e forma das subpartes dos marcadores da VLoc<sub>MD</sub>, como detecta contextos originadores de tais marcadores.

Para dar conta da escalaridade e da direcionalidade do processo de construcionalização e de mudança construcional, assumimos a proposta de Traugott (2008, pp. 5-6), inspirada em Croft (2000), a partir da proposição de quatro níveis, a saber:

<sup>6</sup> Traugott e Trousdale (2013) propõem esse termo no lugar do clássico *reanálise*, com base no entendimento de que pode haver, na trajetória da mudança linguística, novas e distintas análises, e não algo meramente reinterpretado, com base numa determinada e prévia interpretação.

- Macroconstruções: esquemas de nível mais alto; pareamentos de forma e significado que são definidos pela estrutura e função, por exemplo,  $VLoc_{MD}$ ;
- Mesoconstruções: conjuntos de construções específicas [microconstruções] de comportamentos semelhantes, por exemplo: *vamos lá* e *vem cá* dentro das  $VmovLoc_{MD}$ ; *olha lá* e *escuta aqui* dentro das  $VpercepLoc_{MD}$ ;
- Microconstruções: Construções types individuais, por exemplo: *vamos lá*, *vem cá*, *olha lá*, e *escuta aqui*;
- Constructos: os tokens empiricamente comprovados, que são o locus da mudança, por exemplo, sequências textuais em que atuam *vamos lá*, *vem cá*, *olha lá*, e *escuta aqui*.

A partir de uma teoria mais abrangente para as mudanças linguísticas, Traugott e Trousdale (2013, p. 14) ampliam a representação de construções. Segundo os autores, esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, em níveis mais baixos, por microconstruções. Dessa forma, *vem cá* é uma microconstrução do subesquema  $VLoc_{MD}$ ;  $VLoc_{MD}$  é um subesquema do esquema dos marcadores discursivos. Ainda segundo os autores, “Subesquemas podem se desenvolver ao longo do tempo ou desaparecerem. O crescimento e a perda envolvem mudanças construcionais antes e depois de construcionalização”.

Apesar de adotarmos a abordagem de Traugott e Trousdale (2013) no que se refere às mudanças linguísticas, para nosso estudo, optamos pela utilização dos termos macro, meso, microconstruções e constructos que definem a hierarquia construcional da  $VLoc_{MD}$  e melhor explicam a distribuição dos marcadores discursivos na tipologia aqui postulada. Consideramos que os esquemas mais abstratos definidos pelos autores se assemelham a domínios funcionais cujo escopo não faz parte do objetivo desta pesquisa. Apesar de não adotarmos os níveis postulados pelos autores (2013), entendemos que a mudança linguística ora examinada, por promover a criação de novos signos alinhados à classe dos marcadores discursivo, incrementa um domínio funcional. Esse processo descrito por Traugott e Trousdale (2013), que tem por base processos de neoanálise e analogização, traduz a visão de complementaridade entre as abordagens de gramaticalização e construcionalização, que tem sido privilegiada na recente pesquisa da LFCU, voltada para a mudança linguística.

Na situação comunicativa, falantes promovem microinovações, no nível do constructo ou enunciado, em contextos nos quais inferências semântico-pragmáticas, ou inferências sugeridas, nos termos de Traugott e Dasher (2005), motivam novas leituras. Se essas inovações são compartilhadas por outros falantes, podem ser convencionalizadas em microconstruções, com neoanálises morfosintática e semântica, fixando-se uma nova unidade simbólica. Esse processo pode se dar tanto no âmbito da construcionalização quanto no da mudança construcional.

Na abordagem construcional da gramática, com base na LFCU, as relações contextuais, tanto as intra quanto as extralinguísticas, ganham relevância. Para dar conta da gradiência dos usos linguísticos, Traugott e Trousdale (2013), baseados em Heine (2002) e Diewald (2002), elaboram

uma metodologia de análise que visa a identificar a escalaridade contextual, ou seja, rastrear os micropassos da mudança linguística. Segundo Diewald e Smirnova (2012), após a consolidação da mudança, o novo elemento fica disponível ao usuário da língua para utilização nos contextos para os quais forem recrutados. Entra em jogo o nível seguinte chamado pelas autoras de paradigmaticidade, ocasião em que o exemplar *vem cá* entra para o paradigma dos MD.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), padrões altamente convencionalizados, como instâncias de construções simbólicas, a exemplo da  $VLoc_{MD}$ , são caracterizados por três fatores. O primeiro deles é aumento de esquematicidade, no sentido de que há incremento da vinculação de sentido e forma das subpartes, de modo que inserções ou trocas posicionais ficam praticamente canceladas. O segundo fator é a perda de composicionalidade, uma vez que cada subparte perde autonomia de sentido e forma, em prol da configuração de unidade maior, cumpridora, também, de função distinta em relação à mera soma destas subpartes. O terceiro fator é a produtividade, que se incrementa no estágio mais avançado da construcionalização gramatical, momento em que, já como contexto isolado, essas instâncias migram para outra categoria e, nesta nova classe, passam a atuar de forma mais generalizada.

Considerados os fragmentos (1), (2) e (3), apresentados na parte inicial deste artigo, com base nos três traços referidos, evidencia-se progressiva presença desses fatores, fazendo com que, de (1) para (3), passando por (2), possamos estabelecer três graus de entrenchamento ou chunking em prol da convencionalização desses elementos, de modo que caminham do menos para o mais simbólico e convencional, como poderemos observar também na seção 3.

## 2. Analisando a formação de marcadores discursivos nos contextos: elementos procedurais no discurso

Para dar conta da trajetória de abstratização e, portanto, de construcionalização gramatical a que o predicado transitivo circunstancial, assim classificado por Rocha Lima (2003, p. 252) passou, a hipótese principal é de que tal predicado foi o contexto fonte do qual emanou e a partir do qual se convencionalizou a  $VLoc_{MD}$ . Com essa desvinculação da estrutura transitiva oracional, por meio de construcionalização, sistematizou-se esse tipo de pareamento, que passou a desempenhar funções de marcador discursivo com destaque para as propriedades pragmáticas e discursivos-funcionais.

No português, a  $VLoc_{MD}$  é muito produtiva tendo em vista o uso efetivo de inúmeros marcadores discursivos com essa constituição formal, tais como *segura aí*, *chega aí*, *alto lá*, além dos que foram pesquisados. Na pesquisa desenvolvida em Teixeira (2015), foram levantadas inicialmente, no *corpus* selecionado, vinte e três instâncias com base nesse padrão dentre os quais onze foram selecionados para a investigação. No quadro 1 a seguir, apresentamos a distribuição realizada com base em Traugott (2008) a partir da ideia de hierarquia construcional:

**Quadro 1:** Distribuição da macroconstrução  $VLoc_{MD}$  em níveis de esquematicidade Teixeira (2015).

Nível de esquematicidade	Tipo de construção			
MACRO	VerboLocativo <small>marcador discursivo</small>			
MESO <sup>7</sup>	VmovLoc	VestatLoc	VprocLoc	VpercLoc
MICRO	vá lá, vamos lá, vem cá	(es)t(á) aí	(es)per(a) aí, espera lá	escuta aqui, olh(a) aí, olh(a) aqui, olha lá, vê lá
CONSTRUCTO	vá lá, vamos lá, vem cá	está aí	espera aí, espera lá	escuta aqui, olha aí, olha aqui, olha lá, vê lá

De acordo com Teixeira (2015), a categoria de MD da VLoc se distribui nos seguintes grupos mesoconstrucionais de movimento (o mais frequente e com registro mais antigo nos textos históricos pesquisados), estativo, processo e percepção. Cada um desses grupos é composto por microconstruções que, por sua vez, se efetivam no uso linguístico sob a forma dos constructos, os *tokens*.

Segundo Traugott (2008), algumas observações importantes devem ser consideradas nas análises: i) os níveis (macro, meso e micro) são postulados para caracterizar “semelhanças de família”. Eles podem ter mais subtipos e o mais importante é que eles formam redes com outras construções, permitindo combinações parciais através de construções (TROUSDALE, 2008); ii) essa concepção de construções enfatiza as partes menores a partir das quais uma construção maior é construída (sujeito a hierarquia de heranças); iii) existe algum grau de acessibilidade interna da construção, ou seja, o “*chunk* [pedaço]” não é uma entidade fixa, rígida, se fosse, não estaria sujeito à variação e à mudança e iv) os constructos são caracterizados como o *locus* da inovação. Quando tais inovações são convencionalizadas por um conjunto de falantes, uma microconstrução surge.

Considerando Bybee (2010), não há dúvida de que, desse variado conjunto de padrões, integrantes da categoria  $VLoc_{MD}$ , há alguns mais exemplares ou prototípicos. Como já mencionado anteriormente, a pesquisa apontou o *type* exemplar *vem cá*. Numa perspectiva histórica, na captura de trajetórias de construcionalização da  $VLoc_{MD}$ , a hipótese é que a primeira direção pode ser flagrada justamente na rota dos usos exemplares, daqueles mais básicos e que prototipicamente representam a categoria, como *vem cá*. Consideramos *vem cá* o ponto de partida para a formação da  $VLoc_{MD}$ , obedecendo a três critérios básicos: 1) configuração mais básica: i) a forma verbal *vem* indica deslocamento de um lugar para o outro, em um movimento de aproximação, sendo, portanto, natural que atue junto a pronomes adverbiais locativos. A combinação articula o centro dêitico do verbo, que se desloca de um ponto distante do faltante para um ponto próximo deste, associando ao de *cá*, que sinaliza o ponto de chegada do deslocamento; ii) configuração modo-pessoal: o modo imperativo e a 2ª. pessoa do discurso são característicos de usos intersubjetivos e iii) o sentido de chamamento de

<sup>7</sup> As siglas referem-se, respectivamente, às seguintes mesoconstruções: VmovimentoLocativo VestativoLocativo, VprocessoLocativo, VpercepçãoLocativo.

*vem* aliado ao de proximidade de *cá*, que, na verdade, é o sentido básico dos marcadores: chamar a atenção do interlocutor para o que será dito na sequência. 2) Produtividade da forma verbal: *vem* é muito recrutada no uso linguístico. Consideramos que o verbo “vir” representa o protótipo dos verbos de movimento que indiquem aproximação, funcionando como “coringa” da língua, o que motivaria a opção de escolhê-lo. A segunda pessoa do discurso oferece a interatividade necessária para as trocas intersubjetivas. 3) Frequência do marcador *vem cá*: a combinação *vem cá* surgiu pela primeira vez no século XVI, já atuando como marcador discursivo. Entendemos que os dois primeiros critérios concorrem para a criação do novo marcador discursivo e para que houvesse, por consenso social, a convencionalização do exemplar, constituindo, assim, a construção marcadora discursiva VLoc<sub>MD</sub>.

Quanto aos membros marginais, como as microconstruções formadas por verbos de processo (*espera aí*), são considerados como produto de relações analógicas, na base da reduplicação de um modelo já convencionalizado na língua, em função de não registrarem a trajetória de mudança aqui exemplificada. Tal fato se explica por não termos detectado ocorrências que configuraram a passagem gradual de uma categoria a outra, pelo menos não de ordem significativa. Microconstruções como *espera aí* e *espera lá* foram estudados minuciosamente por Rosa (2019), aprofundando as análises da trajetória de construcionalização dessas microconstruções.

Nesse sentido, a ideia de analogização tem ganhado força já que nem todos os micropassos podem ser detectados historicamente, como destaca Traugott e Trousdale (2013). Essa questão promove ajustes de ordem teórico-metodológica, levando em conta que são essencialmente relacionadas à abordagem construcional que está sendo incorporada na LFCU. Levando em consideração o que os dados nos mostram, é dessa forma que se pode compreender as trajetórias de mudança por que passam os elementos, afinal é por meio do membro exemplar que se fixam as rotas já que mais prototipicamente representam a categoria, e não (ou nem sempre) em todo o conjunto de membros da categoria.

Como mudança é mudança no uso (CROFT, 2000), alterações pontuais observadas em contextos específicos se traduzem em sucessivos micropassos que podem levar a convencionalizações. Para capturar esses passos, analisamos processos como analogização, neanálise, que se desdobram em mudanças construcionais, que podem fomentar tais alterações.

Nessa perspectiva, o contexto de uso torna-se extremamente importante, uma vez que podemos capturar nuances de sentido que suscitam leituras distintas. Dessa forma, é extremamente importante e oportuna a classificação de Diewald e Smirnova (2012) como forma de identificar as microinovações contextuais que as trajetórias de construcionalização vão demonstrando.

Para atestarmos o estabelecimento da macroconstrução VLoc<sub>MD</sub>, investigamos a mudança linguística do membro exemplar *vem cá*. No *corpus*, seu surgimento foi registrado no século XIII, como predicado transitivo circunstancial e, no século XVI, como instância da VLoc<sub>MD</sub>. Na próxima seção, apresentamos análises da referida microconstrução, de forma a demonstrar a crescente desvinculação do predicado verbal e a trajetória rumo a marcador discursivo.

### 3. A rota de construcionalização de *vem cá* como formação da VLoc<sub>MD</sub>

Na formação do pareamento forma-sentido da VLoc<sub>MD</sub>, os itens *verbo* e *locativo* são de extrema importância para a análise das microconstruções. Na perspectiva construcional, o pareamento articula um único sentido convencionalizado em um contexto de uso específico, mantendo-se vestígios do significado original. É exatamente por conta dessa principal motivação que as subpartes são recrutadas para constituir uma determinada forma morfossintática e fonológica.

Assim, em *vem cá*, por exemplo, a forma verbal foi selecionada tanto por seu significado como por sua configuração modo-temporal: movimento de aproximação e ordem/pedido. Do mesmo modo, o locativo *cá*, ao lado de *vem*, também é recrutado para propósitos determinados, seja pelo traço de sentido do locativo, seja pela referência dêitica que indica, um local aproximado (sem precisão) do falante-autor. Interessante observar que a microconstrução foi detectada no século XVI, o que pode justificar o recrutamento do pronome adverbial *cá*, tendo em vista que atualmente praticamente não aparece no uso do português brasileiro.

A pesquisa dos contextos de uso de *vem cá* aponta distinções, que permitem postular o gradiente de sentido e forma envolvidos aí. Tal como (1), exemplificado na seção introdução, o fragmento (5), a seguir, ilustra o contexto fonte de *vem cá*:

- (5) (...) *Fazem semelhança de o séérem e nõ o sam. e os que ham as lingoas agudas ã mal dizer. e os que ham senpre vñotade de mal fazer. E tu porque gravemete pecaste sofrerás estas penas. E desapareceo-lhe entõ o angeo. E os dyaboos tomarõ a alma e derõ com ella ante a besta que a comesseL. E a besta engoly-a logo e sofreo aly muitas penas L. E desi a cabo de pouco aquella besta deitou-a de ssy ã fundo do lago. E ella assy padecendo grandes dolores veo o angeo . e disse-lhe . **Vem aca** amíga que jamais nom sofrerás desta pena. E tñrou-a entõ dantrẽ as outras que hy jaziam e disse-lhe. pensa de me seguir. E entom começou de andar avante per muy piores logares que ante avia andado. E indo per hũa carreira muy estreyta que decendya pera fundo como se fossem de hũu mõte muy alto. e semelhava que se deitavom per elle a fundo. E quanto mais per elle descendiã quanto mais pouco viã per hu aviã de tornar. (Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; Século XIII)*

Como podemos observar em (5), numa sequência de base narrativa, o trecho injuntivo sob a forma de um pedido *Vem aca amíga que jamais nom sofrerás desta pena* constitui um pedido/ convite do *anjo* para que a *pecadora* o siga e seja retirada do fundo do lago. Trata-se de um contexto fonte, em que o falante pede ao interlocutor que se desloque espacialmente do lugar em que se encontra para próximo de onde está o locutor, ou seja, nesse contexto o uso de *cá* se refere à função dêitica. Esse sentido básico do verbo *vir* exige um complemento circunstancial que indique proximidade física, tendo em vista que se trata de um verbo de movimento, nesse caso de aproximação. Dessa forma, o locativo *cá*, designador desse local, é recrutado.

A microconstrução *vem cá*, como predicado, representa um chamamento, e esse sentido marcante perpassa todos os usos de sua trajetória. A partir do deslocamento espacial, como ilustrado em (5), teríamos deslocamento na atenção do interlocutor provocada pelo falante na troca interativa.

Podemos relacionar a conservação desse sentido, no nível da microconstrução, ao princípio de *persistência*<sup>8</sup> de Hopper (1991) e, no nível da mesoconstrução, a uma das vantagens de se adotar a abordagem construcional elencadas por Goldberg (1995, pp. 9-21), para quem é a construção que está associada ao significado. Assim, torna-se claro que a mesoconstrução VmovLoc perfila funções gerais de marcador discursivo e que a microconstrução *vem cá* é utilizada em contextos mais impositivos, em que se demonstra a ascendência do falante sobre o interlocutor, a partir da manifestação de sentidos (inter)subjetivos, como opinião, pedido, pergunta, reprovação, deboche, questionamento, entre outros.

Na situação comunicativa ilustrada em (5), a cena que se apresenta é o resgate feito pelo *anjo*. O *frame* instaurado por esse personagem ancora leitura de ajuda, auxílio, caridade, salvação. Tal configuração, reforçada pela injunção sob a forma de pedido, atenua o caráter impositivo mais básico do chamamento. Nesse fragmento, *vem aca* tem tipicamente sentido de convite a deslocamento espacial. Os trechos *pensa de me seguir* e *começou de andar avante* confirmam que o *anjo* continuou instruindo a *pecadora* a se deslocar próximo a ele. Estruturalmente, o verbo *vir*, no imperativo, e a posposição do substantivo *amiga* e da oração explicativa *que jamais nom sofrerás desta pena*, concorrem para a instauração do *frame* espacial e do uso de *vem aca* como típico predicado verbal do português. Em termos semântico-pragmáticos, o deslocamento e a injunção, aliados às interações assimétricas que exprimem a condição de maior experiência do personagem *anjo* em relação a sua interlocutora, a *pecadora*, a partir da sequência tipológica injuntiva, ratifica a função de predicado de *vem aca*.

No fragmento (6), tem-se um contexto atípico. Segundo Diewald e Smirnova (2012), nesse tipo de contexto, feixes de características que não eram relacionadas costumeiramente a um uso típico passam a atuar através de implicaturas. Nesse sentido, microinovações começam a ser identificadas, gerando ambiguidade e polissemia. Essas extensões de sentido se inserem em situações de uso contingencial, associadas a intenções específicas, como se pode observar nas mudanças no componente semântico-pragmático da construção, tal como:

- (6) *Felício Mais que a vida e o porquê porque minha alma outrossi mata a si e mata a mi tam profunda é minha fé. Eco É. Felício É polo merecimento daquela por quem me fino sentes tu que nam sam dino desta pena que consento. Eco Sento. Felício Sento-me estar nam sei onde vejo-me só acabar por isso quero ir buscar esta voz que me responde. Eco Onde? Felício Onde está minha alegria que sempre foge de mi vem cá nam faças assi que*

<sup>8</sup> O princípio da persistência estabelece que, quando uma forma se gramaticaliza, alguns traços do significado original permanecem na nova forma gramatical.

*em ver-te descansaria. Eco Iria. Felício Iria lá mas foges mais ó tristes saudades minhas nestas montanhas maninhas que descanso é o que me dais? Eco Ais. Felício Ais leixai partir a vida e partir-vos-eis daqui tal estou triste de mi que nam sei se é já partida. (Obra completa (N-Z), Gil Vicente, Século XVI)*

Em (6), num predicado complexo, *vem cá* atua como súplica de *Felício* para que a *alegria* venha até ele e, assim, possa descansar. O sujeito *alegria*, da forma verbal de movimento *vir* no imperativo, reúne traços não-prototípicos ou atípicos, uma vez que é inanimado, não volitivo ou agentivo e se encontra distante do verbo a que se refere. Por outro lado, em termos estruturais, a microconstrução *vem cá* nesse fragmento ainda apresenta sintaxe típica, uma vez que se coordena à oração *nam faças assi* e à oração explicativa *que em ver-te descansaria*.

Com relação ao componente semântico-pragmático, há inferência de deslocamento não espacial, uma vez que o sujeito inanimado não se move fisicamente. O deslocamento se dá na intenção do falante, através do desejo, da súplica a seu interlocutor, a *alegria*, para que venha até ele. Em uma cena centrada na lamentação de *Felício* por conta da separação *daquela por quem me fino* e no isolamento em que se encontra, tendo o *Eco* por sua companhia, o sentimentalismo motiva o uso mais abstrato dos elementos do *frame*. Assim, embora ainda represente movimento, ancorado por termos como *onde*, *buscar* e *lá*, (5) permite leitura distinta da prototípica. A própria situação de comunicação define o uso atípico, sugerindo inferência inovadora, uma vez que o interlocutor é o *Eco*, a quem *Felício* toma como testemunha da sua tristeza. A sequência injuntiva centrada na súplica/pedido coloca o falante em posição inferior ao interlocutor, demonstrando a assimetria entre ele e a *alegria*. Operando, portanto, num domínio intersubjetivo.

Com relação ao mecanismo que em (6) fomenta a mudança construcional, a análise demonstrou que a leitura mais abstrata, ligada às emoções emanadas da cena comunicativa, derivadas de domínio concreto, como o de deslocamento físico, está plenamente licenciada. Tal fato é tratado na LFCU como um tipo de pressão de informatividade ou pressão contextual, em que formas velhas, motivadas pelas relações contextuais, são recrutadas para dar conta de novas funções, ou seja, uma nova forma de dizer para atender à expressividade do uso linguístico.

Já o fragmento (7) ilustra contexto crítico. Citando Diewald (2002), Traugott (2008, p. 8) declara que esse tipo de contexto oferece *ambiguidades semânticas e estruturais múltiplas* ou opacidades que sugerem *interpretações alternativas gerais, entre elas o novo sentido gramatical*<sup>9</sup>. Essas implicaturas se traduzem em microinovações geradoras, da mesma forma que o contexto atípico, de ambiguidade e polissemia. No contexto crítico, continuam existindo extensões de sentido decorrentes de situações de uso contingenciais, associadas a intenções específicas, porém, além de alterações de ordem semântico-pragmática na construção, detectam-se mudanças também no componente sintático. Portanto, o que distingue o contexto atípico do crítico é a ocorrência, neste, de alterações no nível formal. Pelo fato

<sup>9</sup> “multiple structural and semantic ambiguities” or opacities that invite “several alternative interpretations, among them the new grammatical meaning”, tradução livre.

de, no contexto crítico, ainda estar licenciada a leitura típica, não estamos nessa fase diante de uma nova microconstrução, no sentido de que ainda não foi efetivada a construcionalização gramatical. Trata-se do que observamos no fragmento (7), a seguir:

- (7) SAR. -- *hûa pouca de nevoa e vento. PET. -- Dai se levantam as vezes grandes torvoadas; mas que entendeste dela? SAR. -- Muitos sisos e muitas virtudes. PET. -- De quem, Sargenta? SAR. - De Lucrecia. PET. -- Assi faze, nomea-ma muitas vezes. SAR. -- Nunca se tal graça viu, nem tal siso. PET. -- Tal assento, nem tal fermosura. SAR. -- O que todo mundo ve para que é dizer-te mais? PET. -- Ora **vem cá**, Sargenta, que te quero agora perguntar por um ponto, cousa em que te nunca falei Ouviste algũa hora falar num mancebo espanhol, que segundo dizem, anda aqui perdido de amores por ela SAR. -- Qual? Um capa em colo, que a primeira parecia algũa cousa, ja agora não tera que despender e parece que caiu da forca? PET. -- Ah! Ah! Ah! Como o pintaste tam bem! SAR. -- Cousa é isso para te somente lembrar? (Estrangeiros, Sá de Miranda, Século XVI)*

O fragmento (7) resume-se numa fofoca entre *Petrônio* (PET) e *Sargenta* (SAR), que fazem comentários críticos sobre *Lucrecia*. A cena comunicativa permite implicaturas inovadoras, uma vez que não há movimento espacial. Os personagens não estão se deslocando no espaço, ao contrário, a cena é estática. *Petrônio* propõe um diálogo mais confidencial a *Sargenta*, a fim de questioná-la sobre uma fofoca envolvendo *Lucrecia* e um *mancebo espanhol, que segundo dizem, anda aqui perdido de amores por ela*. Esse propósito discursivo motiva deslocamento na intimidade, o que pode ser observado pela sequência em que *vem cá* está inserido.

Nesse sentido, tanto há inferência semântico-pragmática similar a (5) e (6), por conta do sentido básico da construção, a de solicitação de aproximação espacial, porém com inferência distinta. Mesmo que todo o trecho apresente uma cena estática, no contexto do fragmento (7), existe movimentação corporal que aproxima os interlocutores da cena comunicativa. O tom de fofoca e de segredo impresso nesse contexto sugere que há um deslocamento espacial mínimo entre *Petrônio* e *Sargenta*, enquanto o primeiro faz o comentário seguido da pergunta. Tal inferência de movimento corporal, sugerida pela situação de confidencialidade, pode ser depreendida através do trecho *que te quero agora perguntar por um ponto, cousa em que te nunca falei*.

Tendo em vista que, para Diewald (2006; 2002), o contexto crítico requer que as ambiguidades sejam também do nível estrutural, devemos levantar essas marcas em (7), para justificar o alinhamento a esse estágio. Em (7), a microconstrução *vem cá* tem pouca vinculação sintática na sequência em que se insere, se se considera que: i) *Sargenta* atua como efetivo vocativo e ii) a interjeição *ora* reforça o sentido de chamamento, intensificando e marcando pausa enfática, que corrobora a marca injuntivo-pragmática da sequência. Ao mesmo tempo, o que se entende na oração *que te quero agora perguntar por um ponto* é o licenciamento da leitura de predicado complexo, concorrendo para a leitura típica de *vem cá*.

É importante identificar o contexto atuando como mecanismo promovedor da mudança contextual ilustrada em (7), junto à abstratização do sentido e da pressão contextual já apontadas no contexto atípico. No fragmento (7), pelos parâmetros críticos elencados, constitui-se mudança nos componentes sintático, semântico e pragmático, ou seja, o estágio de construcionalização está mais avançado. No que se refere ao contexto, é necessário analisar toda a cena comunicativa compreendendo que esse uso contingencial na cena pode ter favorecido o recrutamento, pelo falante, de *vem cá*, a fim de enfatizar seu discurso e, no outro lado da díade comunicativa, esse fato pode ter induzido o interlocutor a interpretá-lo como marcador discursivo. É identificável, pelo exemplo em questão, que essa leitura inovadora, presumivelmente ativada pelo contexto, pode ter permitido o alinhamento com outros marcadores de discurso que funcionam como convocadores da atenção do interlocutor<sup>10</sup>.

Por fim, a condição de *vida curta* desse tipo de contexto, destacada por Traugott e Trousdale (2013), pautada na tênue diferença entre a fase crítica e a de isolamento, se confirma nos dados de *vem cá* e da maioria de outras microconstruções analisados no *corpus*, na medida em que apenas o desligamento da construção em relação à estrutura sintática tornaria a leitura como marcador discursivo exclusiva. É importante destacar que, fonologicamente, alguns dados de contextos críticos poderiam ser interpretados como de isolamento, se tomarmos por base a entoação na fala.

No exemplo (8) abaixo, apresentamos uma ocorrência cujo contexto classifica-se como de isolamento. Esta classificação descreve contextos em que a construção sofreu redistribuição categorial, ou seja, passou pelo mecanismo de neanálise na base da metonimização, como define Traugott e Trousdale (2013, p. 9). Nesse estágio, ocorreu construcionalização, uma vez que a partir dessas novas análises houve

“reanálises morfossintáticas e semânticas que foram compartilhadas entre falantes e ouvintes em uma rede social, permitindo que uma nova microconstrução fosse adicionada à rede, porque uma unidade convencional simbólica nova e, portanto, um nó de tipo novo, foi criado”.<sup>11</sup>

- (8) *CENA VI - AMENTE. CALÍDIO - AM. – Tu vês a que termo eu sou chegado, segundo as novas que tu dâa parte e Devorante doutra me dais? Cuidei que tinha de ti algüa necessidade; mas pois as cousas assi vão, té a vida me sobeja: procura pola tua.CAL. --*

<sup>10</sup> São exemplos de MD convocadores da atenção, **veja bem**, como em: “A maquiagem mineral é ótima para peles sensíveis por ter uma formulação mais ‘natural’ o que a torna hipoalergênica. **Veja bem**, isso NÃO significa que você não terá alergia, significa que o risco de uma reação alérgica é menor.”. (*Corpus escrito blogs da internet*) e **olha aqui**, como em: vou falar pra vocês, este botequim e es-ta zona.. não são tão sórdidos quanto essa merda de guerra que nós estamos lutando! E tenho dito, pronto, tá acabado! - Cacete, o japonês tá bêbado. Vamos embora pessoal disse Fábio. - **Olha aqui**, bêbado é o caralho, porra. Tô falando a verdade.. Fábio, aliás o saudoso tenente Neuman, era alto e forte. pegou o japonês com vigor e levou-o para a abreviatura. (*Romance: Xambioá: Guerrilha no Araguaia de Pedro Corrêa Cabral*)

<sup>11</sup> When there have been morphosyntactic and semantic reanalyses that are shared across speakers and hearers in a social network a new micro-construction is added to the network, because a new conventional symbolic unit, and hence a new type node, has been created. A tradução livre, por conta da estrutura em que foi inserida, sofrerem algumas adaptações mínimas no texto original.

*VOS outros, mimosos, logo quereis morrer. AM. -- Não se ajuntaram embalde tantos males Q um tempo. CAL. -- Tam pouca confiança tens em Lucrecia? AM. -- Ah, Calidio! CAL. -- Que ah Calidio? AM. -- Que esperança tam fraca! CAL. -- Queres dizer como de foão. AM. -- E de foão e de foão. CAL. -- Naquilo tem razão, e mais nesta terra, em que o poerão mui asinha em cantar seciliano, como dizem. **Vem ca**, Amente, seras homem pera me ajudares a um feito? AM. -- Em tal desesperação, que posso eu arrecear? CAL. -- Ora bem ves que esta vinda de teu pai embaraça tudo, pelo qual aqui cumpre de acudir, se queres remedio. [XXX]. -- A maneira é a que não vejo. CAL. -- Dir-to-ei. Façamos que não conhecemos teu pai, por mais Valenciano que fale.? CAL. -- Não gracejo, mas antes te dou um cavalo na batalha, se tu fores pera o tomar. AM. -- E a meu Aio que lhe faremos? CAL. -- Como quê? Diremos que esse é o que faz todas estas calabreadas, e que traz este velho falso aqui com nome de teu pai, e assi não recolheremos em casa um nem outro. AM. -- Nisso bem vejo eu o erro, o remédio não o vejo. CAL. -- Eu to direi. Podemos acudir ao negócio do casamento, como dantes, e, se cumprir, diremos duas palavras ao Doutor, que não sejam de libelos dar, nem lides contestar. (Estrangeiros, Sá de Miranda, Século XVI)*

A ocorrência do fragmento (8) é a primeira a figurar no *corpus* já atuando como marcador discursivo. Também esse fato permitiu que se postulasse a microconstrução *vem cá* como exemplar, como o padrão que, em uma trajetória no tempo, motivou o surgimento da hierarquia construcional de VLoc<sub>MD</sub>. A formação da hierarquia foi constituída pelos mecanismos envolvidos nas mudanças construcionais e construcionalização que atuam conjuntamente e motivam-se reciprocamente. O dado seguinte evidencia essa análise:

Em (8), a cena comunicativa gira em torno da notícia dada por *Calidio* sobre as novidades dos outros pretendentes de *Lucrecia*. Dada a exasperação de *Amente*, *Calidio* propõe àquele um plano para que possa driblar os outros dois. Na fala de *Calidio*, *vem cá* marca o discurso, concorrendo para a articulação da finalidade de convocar a atenção de *Amente* para a proposta feita na sequência. Além de fazer uma proposta, em virtude da atitude de desalento de seu interlocutor, *Calidio* é, de outra parte, impositivo. A microconstrução *vem cá*, devido à sequência injuntiva e ao caráter imperativo que persiste na forma verbal *vem* funciona no propósito de provocar uma mudança de atitude em *Amente*. A pergunta que sucede ao marcador evidencia o contexto isolado, ou convencionalizado, em que *vem cá* é recrutado como marcador discursivo: *seras homem pera me ajudares a um feito?* Toda essa configuração exclui qualquer outra leitura diferente, tornando o contexto isolado.

Em (8), o deslocamento está relacionado às intenções no jogo comunicativo: o falante pretende conseguir a adesão do interlocutor à sua ideia, opinião, argumento. Portanto, o *frame* não é espacial, passando a enquadrar uma cena de cena de solicitação de concordância (aproximação) da opinião/ posição do interlocutor, em que o falante ensina fazer ou determina uma forma de fazer. A relação é assimétrica, uma vez que *Calidio* considera-se com maior saber que *Amente*. Essas características

semântico-pragmáticas e discursivas, aliadas às morfossintáticas e fonológicas, como: i) pausa marcada por vírgula; ii) isolamento do marcador na estrutura sintática; iii) anulação do argumento sujeito, entre outras, permitem arrolarmos este caso como o da criação de um novo signo, portanto, como um caso de construcionalização. Observamos a metonimização da microconstrução, na medida em que houve uma mudança de fronteira das subpartes da microconstrução, passando *vem e cá* a serem usados com um chunk e um conseqüente alinhamento com uma função já existente – a de marcador discursivo – motivada pelo contexto.

O processo de construcionalização gramatical que levou à leitura isolada de *vem cá* como marcador discursivo pode ser descrito em termos dos três tipos de expansão postuladas por Himmelmann (2004, p. 32-33): da classe matriz (*host-class*), sintática e semântico-pragmática. Veja que a microconstrução *vem cá*, como uma instância da  $VLoc_{MD}$ , passou a atuar em (i) mais um tipo de colocação, agora como MD, expandido essa classe, (ii) com uma nova sintaxe, a de MD, introduzindo um ponto de vista, comentário, elucidação, provocação particular e iii) com características semântico-pragmáticas particulares, uma vez que funciona como a marcação do discurso de um autor que convoca a atenção de seu interlocutor para o que vai ser questionado, provocado, apresentado como deboche entre outras situações articuladas por *vem cá*.

Ressaltamos que, na rota de construcionalização do exemplar *vem cá*, conforme exemplificado nesta seção, podemos examinar os parâmetros de esquematicidade, composicionalidade e produtividade rumo à abstratização e convencionalização da microconstrução e a conseqüente instauração da  $VLoc_{MD}$ .

Sendo um dos fatores que determinam a arquitetura de uma construção, a esquematicidade, de uma maneira geral, é “uma propriedade de caracterização que crucialmente envolve abstração. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, sejam linguísticas ou não” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2003, p. 13). Segundo os autores, (2013, p. 14), “esquemas linguísticos são abstratos, grupos semanticamente gerais de construções, sejam procedurais sejam de conteúdo”. Eles são abstrações que se estabelecem “através de conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua sendo intimamente relacionados uns aos outros em uma rede construcional”.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), em uma trajetória de construcionalização, os graus de esquematicidade se relacionam aos níveis de generalidade ou especificidade da rede construcional, “esquemas são frequentemente discutidos em termos de espaços (slots) e em como estruturas simbólicas são reunidas dentro deles (2013, p. 14)”. Nesse sentido, a ideia de gradiência é intrínseca à de esquematicidade e, ainda, tal gradiência (2013, p. 16), se realiza de duas maneiras: na primeira, é atribuída em uma escala de “mais ou menos em que a boa formatividade é uma questão de convenção”, ou seja, o grau de esquematicidade está relacionado ao grau de convenção da construção – quanto mais esquemático, mais convencionalizado. Na segunda realização, a gradiência se relaciona às distinções hierárquicas que podem ser feitas na taxonomia da construção. A ideia é a de que níveis

mais altos comportam mais slots com menos restrições de preenchimento e níveis mais baixos, menos slots com mais restrições.

Nesse sentido, nessa primeira maneira de realização da esquematicidade, o grau de convencionalidade, estamos atrelando usos mais concretos, originais, fonte com a atuação no nível do predicado cujos contextos originaram estruturas mais procedurais, no nível da marcação do discurso.

A partir da segunda maneira de realização do fator esquematicidade, como substantiva, entendemos que no nível de microconstrução esses elementos procedurais de cunho pragmático são exemplares de construções mais esquemáticas como a VLoc<sub>MD</sub>. São, portanto, instâncias que subscrevem os usos mais concretos desses esquemas, tendo em vista que em níveis mais altos comportam mais slots com menos restrições de preenchimento e em níveis mais baixos, como vem cá, comportam menos slots com mais restrições.

Ratificando o que apresentamos na seção inicial, o aumento de esquematicidade, podemos identificar que em (1) e (5) os elementos verbal e o locativo estão mais integrados à estrutura do predicado. Mesmo que entendamos usos convencionais em estruturas de predicado, a atuação dessas combinações é mais lexical, no sentido de articularem sentidos e funções como verbo pleno e como seus complementos, oracionais ou não. Estamos considerando esses contextos como fonte de elementos mais procedurais, como elementos da gramática que se prestam à conexão (inter)subjativa e à coesão textual-interativa. Nesse sentido, o grau de esquematicidade está atrelado a expansão de usos no nível do predicado cujos contextos originaram estruturas mais procedurais, no nível da marcação do discurso em que há maior grau de vinculação de sentido e forma das subpartes, de modo que a interposição de elementos ou mesmo as trocas de posição entre as subpartes não são possíveis. No último estágio, detectamos também o aumento de esquematicidade da microconstrução como um todo e a perda de analisabilidade de suas subpartes, justamente em prol da convencionalização do novo MD.

O segundo fator é a perda de composicionalidade, fica evidente a perda de autonomia de sentido e forma das subpartes nos exemplos já construcionalizados de (4) e (8). Isso porque, nesse estágio, a unidade maior *vem cá*, atuando como MD possui uma nova configuração de forma e conteúdo cumprindo uma função distinta em relação à mera soma destas subpartes. O terceiro fator é a produtividade, que se ratifica nesse último estágio da construcionalização gramatical, uma vez que essas instâncias passam a compor o paradigma dos MD, passando a atuar de forma mais generalizada na nova classe.

## Considerações finais

A pesquisa dos padrões construcionais formados por forma verbal e pronome locativo, como a VLoc<sub>MD</sub> analisada por meio do seu exemplar *vem cá*, tem se mostrado um campo fértil e promissor de investigação. A ênfase na forte vinculação entre a dimensão formal e a funcional dos usos linguísticos exige maior rigor e esforço metodológico para que tal vinculação seja efetivamente explicitada. A

linguística funcional centrada no uso pretende, ao incorporar os estudos da gramática de construções, atingir esse propósito.

A proposta deste artigo, portanto, foi definir e caracterizar os contextos de uso do exemplar da macroconstrução  $VLoc_{MD}$ , a microconstrução *vem cá*, que serviu de base para a formação de um esquema mais abstrato. Tais contextos, considerados fontes, passam a sugerir novas interpretações, na base de relações associativas, motivadas pragmática e cognitivamente, nas quais o *frame* espacial se desbota, caracterizando a fase atípica. A partir daí, com a ocorrência de alterações estruturais, esses contextos passam a ser considerados críticos, ainda com persistência de sentidos típicos. Na etapa seguinte, chega-se ao uso isolado que entendemos como convencionalizado, no qual ocorre a efetiva construcionalização gramatical, com a migração do exemplar para a classe dos marcadores discursivos, no estágio final de paradigmáticação.

Para a identificação desses contextos, a análise partiu do contexto, ou seja, de sequências textuais mais amplas, anteriores e posteriores à microconstrução pesquisada. Exatamente por conta disso, estamos utilizando o termo *marcadores discursivos* entendendo que tais elementos procedurais articulam porções textuais mais extensas e destacam sobretudo as propriedades pragmáticas, pelo alto teor de intersubjetividade, e a discursivo-funcionais, por auxiliar na progressão do texto na medida em que faz avançar a interlocução, bem como auxiliar na argumentatividade, uma vez que atua na articulação explícita do ponto de vista do autor. Somente assim, em viés marcadamente qualitativo, ampliando o foco analítico, é possível captar as relações contextuais e outras associações necessárias ao estabelecimento da funcionalidade do objeto em análise.

Conforme se torna mais claro na pesquisa funcionalista, o exame histórico deve recair preferencialmente nos exemplares categoriais, que apresentam, pelo menos por hipótese, maior condição de terem suas trajetórias de mudança captadas empiricamente. Na sequência, os membros marginais devem ter seu foco de análise em relações analógicas, na base da propagação de modelos disponíveis. Nesse sentido, a pesquisa (TEIXEIRA, 2015) identificou que as dez outras microconstruções da  $VLoc_{MD}$  conforme quadro 1, se desenvolveram a partir do membro exemplar, *vem cá*, construcionalizado no século XVI, ocasião em que a macroconstrução foi instaurada.

Nessa área de pesquisa, os resultados têm sido promissores já que, no estágio atual da pesquisa funcionalista, amplia-se o foco de análise nas propriedades da forma e do sentido da construção simultaneamente. Tal fato permite que se analise mais detidamente os processos e as motivações que conduzem à convencionalização e posterior paradigmáticação dos usos linguísticos.

A partir da pesquisa de 2015, a investigação se estendeu para a análise das motivações que promovem o recrutamento de outras formas verbais para atuarem como subpartes das microconstruções da rede  $VLoc_{MD}$ , como por exemplo, *segura* em *segura aí*, *chega* em *chega aí*, *diga* em *diga lá* ou *diga aí*. Dessa forma, passamos a estudar a analogização como processo que pode estar por trás dessas motivações no entendimento de que, uma vez cristalizado o esquema na comunidade linguística e a entrada no paradigma da língua, o mesmo se torna disponível para o desenvolvimento de novas

microconstruções em um movimento top-down. Tal fato direciona a pesquisa funcionalista para o aprofundamento dos estudos acerca da analogia, agora tomada a partir do processo de analogização, resgatando-a do estatuto de processo menor ou lateral como era tomado nos estudos do Funcionalismo Clássico<sup>12</sup>.

## Referências

- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CROFT, William. *Explaining language change: an evolutionary approach*. Harlow, Essex: Longman, 2000.
- DIEWALD, Gabriele. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*. SV1-9/2006. Disponível em: <http://elanguage.net/journals/index.php/constructions/article/viewFile/24/29>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- DIEWALD, Gabriele. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 103-20, 2002.
- DIEWALD, Gabriele. SMIRNOVA, Elena. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: *Grammaticalization and Language Change: New reflections*. Davidse, Kristin, Tine Breban, Lieselotte Brems; Tanja Mortelmans (ed.) [SLCS 130]. Amsterdam: Benjamins, 2012. pp. 111-33.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HILPERT, Martin. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HIMMELMANN, Nikolaus. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal?. In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus; WIEMER, Bjorn (ed). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: de Gruyter, 2004, pp. 21-42.
- HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUOGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (ed). *Approaches to grammaticalization. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues*, Amsterdam: John Benjamins, 1991, pp. 17-35.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALONSO, Karen Braga. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, Edson Rosa (org). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 87-106.

<sup>12</sup> O termo Funcionalismo Clássico remonta à perspectiva da Linguística Funcional norte-americana adotada, sobretudo, na segunda metade do século XX e início do século XXI, cujas investigações se voltavam, prioritariamente, para a trajetória de mudança de um item que partia do léxico para a gramática, ou a do item menos para o mais gramatical, realizada em micropassos ao longo do tempo, priorizando os processos de reanálise em detrimento dos de analogia. Nessa abordagem, os estudos funcionalistas ainda não trabalhavam com a visão construcionista.

RISSO, M. S. *et al.* Marcadores discursivos traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (org.) *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

ROSA, Flávia Saboya da Luz. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

TANTUCCI, Vittorio. From Co-Actionality to Extended Intersubjectivity: Drawing on Language Change and Ontogenetic Development. *Applied Linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

TANTUCCI, Vittorio. From co-actionality to extended intersubjectivity: drawing on language change and ontogenetic development. *Applied Linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

TEIXEIRA, Ana Claudia Machado; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Gramaticalização das construções “vá lá” e “vamos lá”. *Todas as Letras*, v. 16, pp. 70-9, 2010.

TEIXEIRA, Ana Claudia Machado. *A construção verbal marcadora discursiva VLoc<sub>MD</sub>: uma análise centrada no uso*. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TEIXEIRA, Ana Claudia Machado. De predicado a marcador discursivo: mudanças construcionais e construcionalização. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (org.). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: EDUFRN, 2018. p. 286.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they intersect? In: *Gradience, Gradualness, and Grammaticalization*. Elizabeth Closs Traugott and Graeme Trousdale, eds. Amsterdam: Benjamins, 2010.

TRAUGOTT, Elizabeth. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: Merja Kytö Regine Eckardt, Gerhard Jäger, and Tonjes Veenstra (eds.). *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, pp. 219-50.

TRAUGOTT, Elizabeth. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: Merja Kytö, ed., *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. Amsterdam: Rodopi, 2012, pp. 221-55.

TROUSDALE, Graeme. Constructions in grammaticalization and lexicalization: Evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: Trousdale and Gisborne, (eds). *Constructional Approaches to English Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, pp. 33-67.